

LINGUAGENS E SABERES AFRO-INDÍGENAS EM CONTEXTO DE ENSINO NA AMAZÔNIA (MUSEU DO MARAJÓ/PA)

AFRO-INDIGENOUS LANGUAGES AND KNOWLEDGES IN A TEACHING CONTEXT IN THE AMAZON (MUSEU DO MARAJÓ/PA)

Niceléia Muribeca da Cruz **1**
Maria José de Pinho **2**

Resumo: Este trabalho surgiu de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal do Pará, concluída em 2019. Tendo O Museu do Marajó como lócus de trabalho, apresentamos um estudo que objetiva uma reflexão sobre a presença afro-indígena no Marajó a partir do que fora representado por Giovanni Gallo no acervo permanente do museu. Sendo o acervo constituído por artefatos denominados de Computadores do Caboclo Marajoara que se tornaram atração turística devido à singularidade de sua composição material, seu conteúdo, e dispositivos interativos. Por meio de uma abordagem qualitativa com pesquisa do tipo bibliográfica e vivência em campo, analisamos os dados obtidos sobre perspectiva histórica e linguística desses povos, imersos no contexto do ensino. Os resultados revelaram a relação amalgamada entre culturas afro-indígenas e o Museu do Marajó. Sobretudo, a cosmologia do caboclo marajoara, fruto de miscigenação, do contato interétnico de povos que resistiram à opressão colonial na Amazônia.

Palavras-chave: Multilinguismo. Cultura. Educação.

Abstract: This study has emerged from a developed research by Para Federal University, concluded in 2019. It has the Marajo Museum as work locus, we present a study which objectifies a reflection about the afro-indigenous presence in Marajó from what had been represented by Giovanni Gallo of the permanent Museum collection. This collection is constituted by artifacts called Computers of Marajoara Caboclo that became touristic attraction due to singularity of their material composition and presented contents, and with interactive devices. Through a qualitative approach with bibliographic research and field experience. We analyze the obtained results about the historical and linguistics perspectives immersed in the context of teaching. The results have revealed the amalgamated relation between Afro-indigenous cultures and the Marajo Museum. Above all, the cosmology of Marajoara caboclo, result of miscegenation, of inter-ethnic contact from the people that resisted the colonial oppression in the Amazon.

Keywords: Multilingualism. Culture. Education.

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras **1**
da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Araguaína. Docente
na Rede Estadual de Ensino - SEDUC/PA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0477278612423045>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4645-576X>.
E-mail: leia.muribeca@gmail.com

Pós-doutorado em Educação pela Universidade do Algarve-Portugal. **2**
Docente na Universidade Federal do Tocantins, atuando na graduação do Curso
de Jornalismo, no Programa de Pós-graduação Mestrado e Doutorado em
Ensino de Língua e Literatura e no Programa de Pós-graduação Mestrado em
Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7113857811427432>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2411-6580>. E-mail: mjggon@mail.uft.edu.br

Introdução

Este trabalho origina-se da pesquisa desenvolvida no mestrado interdisciplinar em Linguagens e Saberes na Amazônia, pela Universidade Federal do Pará, campus de Bragança, concluída em 2019. E aprofundou-se no doutorado em ensino de língua e literatura, pela Universidade Federal do Tocantins. Tendo o Museu do Marajó como lócus de trabalho, desejamos trazer uma reflexão sobre a presença afro-indígena no Marajó a partir do que fora representado por Giovanni Gallo no acervo permanente do museu. Para isso, abordamos a temática da ocupação do território marajoara, registrando linguagens e saberes oriundos da presença majoritária de índios e africanos no arquipélago, com recorte para o município de Cachoeira do Arari, região dos campos marajoara, hoje habitada por uma população miscigenada que desenvolve suas principais atividades em torno da pesca, pecuária, agricultura e comércio.

A cidade abriga esse museu conhecido por reunir objetos que revelam o homem marajoara em primazia. Um museu concebido com a missão de promover desenvolvimento por meio cultural, atraindo turistas e infraestrutura para a região. Entre as atrações singulares do museu estão às memórias e os saberes do homem marajoara representados no acervo interativo. Este trabalho investigou esse fenômeno por meio de uma abordagem qualitativa, sendo a pesquisa do tipo bibliográfica e exploratória em campo. Por meio dos instrumentos diários de campo e registro fotográfico para sistematização e análise do conteúdo encontrado. A discussão dos resultados foi organizada contemplando as questões sobre a ocupação do território marajoara, o Museu do Marajó, as linguagens e os saberes oriundos das populações afro-indígenas e sua relação com o ensino.

Ocupação do território marajoara

Discutir ensino e diversidades na Amazônia requer considerações pertinentes sobre território, cultura e natureza. Por isso, iniciamos com a contextualização de um território estratégico na Amazônia, que dada sua localização e memória é chamada de Amazônia Marajoara. Nessa imensidão espacial, encontra-se a Ilha, apesar de ser comum a ideia equivocada de região uniforme, com maior destaque para os campos de Marajó conhecida por campos e florestas. Na clássica descrição de Miranda Neto (1993), Marajó localiza-se na foz do rio Amazonas. É a principal ilha do arquipélago com extensão superior a 50 mil quilômetros quadrados garantindo-lhe o título de maior ilha fluvial do mundo. Além de Marajó, o arquipélago é conformado pelas ilhas Caviana, Mexiana e Gurupá.

Registros datam a ocupação do Marajó, a partir de 1616, protagonizado por indígenas, portugueses e religiosos. Em seu trabalho sobre a ocupação marajoara o historiador Agenor Pacheco (2010), faz uma pesquisa minuciosa, onde narra os vários combates travados pela conquista dessa região. Apresenta passagens da história colonial marajoara que revelam o Marajó como rota flúvio-terrestre de ocupação e suas implicações na conquista da Amazônia. Uma ocupação marcada por conflitos entre povos indígenas e portugueses:

Experientes em contatos e guerras tribais anteriormente vividas, entre si e com outras nações, Aruãns, Sacacas, Marauanás, Caiás, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Pacajás, entre outras e os batizados de Nheengaíbas, enfrentaram as armas portuguesas por quase 20 anos (PACHECO, 2010, p. 18).

Embora não se possa especificar os grupos étnicos que pertenceriam à categoria nheengaíba, devido à falta de documentação para análise, Cabral (2002) afirma que, pelos relatos encontrados, se tratava de povos que não falavam tupí, pois o etnônimo nheengaíba significava em tupi má linguagem. É provável que falassem línguas da família linguística Aruák. Os Aruás ganharam destaque nesse período. Segundo Schaan (1997), eram os mais temidos, ficaram famosos por relatos em que eram apresentados como índios Caribes de costumes antropofá-

gicos.¹

Apesar da presença indígena, os africanos escravizados foram levados para o Marajó, também no século XVII. Pacheco descreve em seu trabalho, *as Áfricas nos Marajós* (2010), uma historiografia que revela a divisão de trabalho e as relações decorrentes do encontro de índios e negros em diferentes regiões do Marajó. Em relação aos índios, estes se concentraram nas regiões de florestas, e foram usados em atividades extrativistas como extração de seringa, das drogas do sertão e madeiras. Quanto aos negros, estes se concentraram na região dos campos e sustentavam o trabalho nas fazendas. Entretanto, não se pode desconsiderar a importância do fenômeno de migração para a miscigenação ocorrida. Para melhor entendimento sobre o dualismo geográfico que divide o Marajó, como área de campos e zona das matas. Miranda Neto (1993, p. 11), descreve:

Marajó. Tanta terra que nem parece ilha. Planuras de terra a perder de vistas. É uma terra estranha. Terra de duas caras. No poente, aluviões que rio trouxe. Zona da mata. Floresta densa. Região úmida, boa pra seringueira crescer. No nascente, campinas verdes, alegres. Gado gosta. Bom pasto. Fazendas. Currais. MIRANDA NETO (1993, p. 11).

Esse esforço em ressaltar a diversidade presente na região marajoara para além dos aspectos físicos, traz à tona o termo *Marajós*² proposto por Pacheco (2006) como marcador de territorialidades. Em razão disso, utilizamos a expressão *Marajós* com o intuito de chamar a atenção para as formas de representação da diversidade presente na ilha de Marajó, algumas vezes comprometidas pela imagem uniforme representativa dos campos. Não correspondendo à diversidade distribuída nesse arquipélago conformado de dezesseis municípios, dividido em cinco regiões: a) Nordeste – Cachoeira do Arari, Ponta de Pedras, Salvaterra, Santa Cruz do Arari e Soure; b) Sudeste – São Sebastião da Boa Vista, Muaná e Currálinho; c) Sudoeste – Breves, Bagre, Gurupá, Melgaço e Portel; d) Noroeste- Chaves e Afuá; e) Central – Anajás.

Por isso, foi proposta a reflexão sobre a diversidade territorial marajoara para além da dimensão geográfica, pois como adverte Coca (2014, p.1), “um território é composto não apenas pela materialidade expressa nas formas, mas também por elementos imateriais como as ideologias, o conhecimento e outros”. Para compreendermos o contexto do território desta pesquisa, chegamos aos campos de Cachoeira de Arari.

Município localizado na Mesorregião de Marajó e na Microrregião: Arari. Distantemente 71,03 quilômetros da capital do estado do Pará e localizada à margem esquerda do rio Arari, o município se estende da foz do rio Camará até a foz do rio Arari. De acordo com os dados apresentados pela Associação dos Municípios da Ilha de Marajó- AMAM, Cachoeira do Arari está localizada na região dos campos marajoara. Possui 20.4433 habitantes e tem uma área de 3.102,08 km. Apresentando em 2010, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,684.

Barros e Abufaiad (2008), apresentam um histórico detalhado sobre origem e fundação do município, destacando a explicação sobre o surgimento do nome vinculada a vários aspectos: se físico, pela precipitação das águas; se geográfico, pelo percurso do lago Arari; pela etimológico, pela origem tupí, já que arara-í, significa arara pequena ou também rio das araras; ou se pelo aspecto histórico, pela ocupação por índios Araris.

A População do município é fruto da mestiçagem de vários povos: índios, africanos,

1 De forma simplória, entende-se a antropofagia como o ato de comer uma parte ou várias partes de um ser humano. Os que praticavam esse ato acreditavam ser possível, com essa prática, adquirir, para si, as habilidades, a força e a virilidade do prisioneiro.

2 Em sua obra, *À Margem dos Marajós*, (2006, p.23) Pacheco esclarece o uso do termo Marajós como marca da pluralidade territorial encontrada na região, em oposição à imagem dos campos como representação singular do arquipélago.

3 De acordo com o último Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE ano 2010.

4 Cf. Atlas de Desenvolvimento Humano/ Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento- PNUD ano 2000.

européus. Essa população desenvolveu atividades econômicas de acordo com as condições geográficas de cada região. Como o Município pertence à região dos campos, os trabalhos são desenvolvidos em torno da pesca, pecuária, agricultura, comércio e administração pública. Embora discreto, o turismo vem se destacando ao longo de anos em razão da presença de um museu de base comunitária.

O Museu do Marajó e a cultura marajoara

Em 1972 desembarca no Marajó, o Padre italiano de Turin, Giovanni Gallo. A chegada ao município de Santa Cruz do Arari foi marcada por sua atuação inicial na vila de Jenipapo⁵. Um padre jesuíta, imigrante, falando italiano, chegando ao Marajó, um contexto não tão inédito, se consideramos a política de ocupação na Amazônia.

O religioso desenvolveu um forte trabalho social, paralelo ao religioso e conseguiu implantar projetos⁶ que produziram renda, a qual foi aplicada em benfeitorias na região, como a construção do posto médico, centro comunitário, os jardins de infância, o cemitério, o trapiche e a pista de avião. Além de construções e reformas nas igrejas, casas paroquiais, centros comunitários em Santa Cruz e Jenipapo. As façanhas do religioso contavam com o empenho da comunidade e algum apoio financeiro do exterior por intermédio da igreja.

O Padre não confiava o desafio de mudar a situação de miséria na qual vivia a comunidade somente às obras religiosas. Enxergava também na escola, uma aliada. E justamente da necessidade de “inventar outro meio de atingir a comunidade toda, o projeto museu começou a tomar fisionomia.” (GALLO, 1996 p.192). Segundo ele, “o museu foi inventado visando uma solução pacífica para os graves problemas sociais da comunidade” (ibid., 1996 p. 255). Em 16 de dezembro de 1981 é criada a Associação com o nome de *O Nosso Museu de Santa Cruz do Arari*, e o museu migra para a sede desse município.

O estrangeiro conquista admiração do povo local e muitos amigos. Seu trabalho pastoral cresce na proporção do social. Fato que desperta, segundo ele, a desconfiança de políticos locais. Segundo Pereira⁷ (2011) a oficialização foi causa de conflito

[...] fica-se sabendo que o Jenipapo é o berço verdadeiro do Museu do Marajó e que o conflito chegou ao auge quando a fama do padre-museólogo cresceu e o museu, saindo da vila de pobres pescadores artesanais; se instalou na sede do município de Santa Cruz do Arari (PEREIRA, 2011).

Em meio aos conflitos de natureza supostamente política, o padre sente-se ameaçado e deixa a cidade levando consigo todo o acervo até então, coletado com a comunidade. A convite da prefeitura de Cachoeira do Arari-Pa, em 1983, Gallo reinstala o museu no município, Após uma reforma e com ajuda da comunidade, em 9 de dezembro de 1984, O Museu do Marajó é aberto ao público com a missão de “resgatar e conservar a nossa história ajudando-nos a preservar a nossa identidade e, ao mesmo tempo, incentivando na comunidade o interesse para o progresso intelectual” (GALLO, 1996, p.192). Assim defendia o pesquisador, desde a coleta do primeiro caco até o ano de sua morte em 07 de março de 2003, em decorrência de infecção generalizada⁸. Sepultado no bosque, área externa do museu, a visita ao túmulo geralmente é incluída no roteiro de visitação.

5 A vila de Jenipapo inicialmente era um acampamento que abrigava os pescadores.

6 Por exemplo, o Projeto Piranha, que alcançou grande relevância. Desenvolvido em parceria com a comunidade, consistia na prática de embalsamar piranhas (12.000) para exportação. A renda foi revertida em obras e ainda gerou poupança para começar o museu.

7 José Varella Pereira é escritor e historiador marajoara, nascido em Ponta de Pedras.

8 Esteve internado desde dezembro de 2002, devido a uma úlcera perfurada. Ainda foi submetido a duas cirurgias, mas não resistiu, faleceu aos 76 anos.

Um acervo singular: os computadores do caboclo Marajoara

O acervo do museu é composto por duas grandes séries de coleções: a arqueológica e a antropológica. O destaque das peças arqueológicas são as cerâmicas, devidamente catalogadas pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, todas armazenadas em caixas de vidro, localizadas na seção indígena juntamente com os computadores carregados de dados⁹ sobre os povos indígenas que habitaram a região. Temos uma síntese registrada por Fares (2003, p.133), em suas cartografias marajoaras:

A pesquisadora ali aciona lentes e filmes mais sensíveis, o olhar perscrutador clica em panorâmica e passeia pela cultura marajoara, exposta pelo enorme salão de exposições, que conta a história dos índios, que ironiza o branco colonizador, que defende os negros, que fala, fala e fala do caboclo Marajóara: do vaqueiro, do pescador, da língua, das linguagens, do modo de vida, dos utensílios, da tecnologia, dos medos, das lendas, e principalmente da cerâmica marajoara (Apesar de toda boa vontade, nenhum pesquisador alcança, mesmo em panorâmica, o imenso volume de informações). (FARES, 2003, p.133)

Quanto à coleção antropológica, boa parte está exposta, ou melhor, armazenada em painéis interativos, chamados pelo inventor de computadores de marca caipira ou computadores do caboclo marajoara¹⁰. Esses artefatos foram denominados assim em analogia aos computadores de primeira geração, símbolos da modernidade presente nos centros urbanos e cujas características de armazenamento de dados e interação, despertaram o interesse do inventor. De acordo com Linhares (2007, p.48)

Esses jogos interativos mostram-se como a diferença e constituem uma peculiaridade da exposição, visto que não se conhece nenhum acervo nesses moldes na região, podendo mesmo ser considerado de vanguarda, pois a técnica de hands on atualmente é considerada contemporânea ou inovadora, mas já havia sido projetada por Gallo há cerca de trinta anos atrás (LINHARES, 2007, p.48).

Atualmente, a interação vem sendo utilizada nos museus, como prática que auxilia e amplia o desenvolvimento de processos educativos. Em outro período, a relação entre o visitante e a peça do acervo se estabelecia essencialmente pela contemplação. Entretanto, no Museu do Marajó, pioneiro na Amazônia em utilização de recursos interativos como opção expositiva, a interação com o acervo convida, permite e até provoca a cognição e a movimentação física do visitante.

Além da originalidade dessa técnica desenvolvida por Gallo, destacamos também, como ele explorou a oralidade como fonte para seus registros. Em suas andanças pelo Marajó, encantou-se pelas narrativas, fotografou esse território, pesquisou na literatura e apoiado na linguagem amazônica apresenta a cultura marajoara.

9 Gallo fazia questão de dizer que esses computadores não continham informações, eles continham um banco de dados sobre o homem marajoara.

10 Optamos pelo uso da expressão computadores do caboclo marajoara, por considerá-la apropriada à abordagem da pesquisa e pela popularidade da expressão na comunidade. Embora tenham sido, inicialmente, batizados como computador de marca caipira.

Linguagens e saberes afro-indígenas amalgamados com a natureza

Para termos uma visão geral sobre os saberes contidos nesses computadores, apresentamos a síntese desenvolvida por Cruz (2019, p.84), pela qual se têm os temas de maior ocorrência.

Quadro 01. Agrupamento de Saberes

Código	Quant.	Categoria	Código dos artefatos
1	32	Antropologia, etnografia e linguística.	03; 04; 06; 07; 08; 09; 10; 11; 12; 13; 17; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 34; 35; 36; 37; 38; 48; 54; 55; 56; 57; 58; 62; 63 e 65.
2	26	Ciências naturais e História natural.	02; 14; 15; 29; 30; 31; 32; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 49; 50; 51; 52; 53; 29; 60; 61; 64 e 66.
3	5	História	16; 18; 19; 20 e 21

Fonte: CRUZ (2019, p.84).

Ao mesmo tempo em que disponibiliza ao visitante o acesso aos conhecimentos de práticas sociais próprias à Amazônia, como representações, mitos, imaginários, concepções, linguagens, subjetividades, identidades, processos sócio-históricos, formação social, dentre outros. Esses conteúdos promovem o debate entre o homem e o seu meio inseridos no contexto cultural da comunidade. Pesquisá-los implica também no fortalecimento da educação e cultura local.

No tocante à temática analisada, os saberes estudados mostram as relações de trabalho e modos de produção, também apresentados no tópico sobre a ocupação territorial. Assim como, aspectos linguísticos e culturais especialmente das línguas indígenas. E, os contatos interétnicos, envolvendo principalmente os africanos trazidos para a região. Estes dois últimos aspectos estão exemplificados nesta sessão.

Indígenas - aspectos linguísticos e culturais

Para ampliar essas reflexões, apresentamos algumas considerações sobre a situação de multilinguismo no Brasil, baseado em Ferraz (2007), sob as lentes da sociolinguística. No Brasil, situações ocorridas no contexto histórico-sociais delinearam o cenário multilíngue atual. Ferraz desenha um panorama histórico, destacando a pluralidade linguística, ora existente, assim como a situação bilíngue entre o português e o tupinambá. É possível compreender como esse contato resultou num processo em que as línguas indígenas, principalmente no aspecto demográfico, ou seja, em relação ao número de falantes, passam da condição de majoritárias à minoritárias. De modo que, o contato com a língua Portuguesa trouxe uma situação de conflito linguístico, em que o colonizador, visando à hegemonia de seu domínio, exerceu uma opressão, fortemente marcada por violência e até extermínio desses povos.

Os computadores do museu abordam temas como: etnias, línguas, cerâmica e a cosmologia em geral. Os exemplos selecionados revelam linguagens e saberes sobre a língua e cultura indígena.

Figura 01. Computadores sobre aspectos linguísticos e culturais.



Fonte: CRUZ (2016).

Africanos em contatos interétnicos

De acordo com Acevedo Marin (2008), os índios e negros são ocupantes tradicionais do arquipélago. Os negros inicialmente concentravam-se nas fazendas, localizadas nos campos, desenvolviam trabalhos ligados à agropecuária e os índios, inicialmente concentrados nas florestas, desenvolviam trabalhos ligados ao extrativismo. Em ambas as situações, os povos tradicionais estavam sob o domínio das políticas de ocupação. Pacheco (2010, p.41.) destaca que é preciso considerar o encontro entre os povos, em situação de fugas e práticas de solidariedade entre negros e índios na constituição de mocambos e na ancestral prática do roubo do gado. Os descendentes miscigenados desenvolvem atividades ligadas ao cultivo e pesca.

Em meados do século XIX, depois que cessaram os temores e tremores da cabanagem, alguns fazendeiros, procurando livrar-se dos problemas que atingiram a vida nos pastos (enchentes, secas, doenças, roubos, queda do preço da carne), migraram com seus braços de trabalho para prósperas regiões de verdejantes seringais no coração da região, especialmente em sua parte florestal (Ibid. p. 67-68).

As informações sobre os africanos, contidas nos computadores, fazem referência principal ao histórico de ocupação, trabalho escravo nas fazendas, castigos sofridos, situações de racismo, documentos do comércio de escravos e a língua.

Figura 02. Contatos interétnicos



Fonte: CRUZ (2016).

Observamos, por meio desses dados, que a linguagem foi o caminho escolhido por Gallo, para compartilhar sua vivência marajoara. Para Fiorin (2008, p.28) “Sem ela não se podem expressar sentimentos. Sem ela, não se podem imaginar outras realidades, construir utopias e sonhos. Sem ela não se pode falar do que é nem do que poderia ser. A linguagem é objeto de estudo de várias disciplinas”. Acreditamos que, em razão disso, a prática da linguagem é uma possibilidade para o trabalho etnolinguístico no museu.

Ensino e diversidades na Amazônia

Freire (1959) em seus estudos sobre o homem, a educação e a sociedade, apresenta um indivíduo que mantém relações com o mundo natural e o mundo da cultura afirmando que “Ao se estudar o comportamento do homem, a sua capacidade de aprender, a licitude do processo de sua educação, não é possível o esquecimento de suas relações com sua ambiência” (1959, p.8). Essa relação deve ser observada nos processos educacionais na Amazônia para que se contemple a sociodiversidade do meio ambiente e dos modos de produção da existência.

Estudar processos formativos decorrentes da prática de visitação em um museu de base comunitária, localizado na Amazônia   também investigar sujeitos constituídos de subjetividades, com uma visão cosmológica do seu território, cultura, crenças e mitos, amalgamados com a natureza.

E na busca por práticas educativas sensíveis às identidades culturais nos territórios, Hage (2011, p.10), afirma que   necessário “reconhecer e legitimar as experiências socioculturais protagonizadas pelos sujeitos”. Para ele, o trabalho no campo   atividade crucial para sobrevivência das popula es, e por isso, deve-se pesquisar tempos e espaços para o desenvolvimento das a es educativas.

Observou-se a partir desse estudo que, a escola não deixa de ser o lócus do processo de forma o, pois a finalidade do processo formativo   a qualifica o da a o educativa na escola, entretanto, a escola e os processos formativos dialogam com outros contextos constitutivos dos sujeitos em forma o, como o museu em questão, seja na condi o de educador ou educando.

A educa o museal no Brasil vem se consolidando apoiada em políticas públicas, um exemplo   Política Nacional de Educa o Museal (PNEM), formada por um conjunto de princípios com a finalidade de orientar as práticas educacionais em institui es museológicas do Brasil (IBRAM, 2017).

O acervo exposto no Museu apresenta parte de uma diversidade etnolingu stica presente na Amazônia e nos convida a refletir sobre a educa o linguística escolar a partir dessas rela es entre língua e cultura, tradi o oral e codifica o linguística. Segundo Lima Barreto

(2010), a Etnolinguística é a disciplina que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade. Mais especificamente, trata-se da “disciplina linguística que estuda a variedade e a variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura” (ibid, p.15). Aprofunda-se assim, nas relações oriundas e decorrentes entre a língua e cosmologia dos povos.

Propor aos professores a formulação de roteiros de visitas específicos aos estudantes, explorando o potencial pedagógico desses artefatos, aproxima-se da dialogicidade preconizada por Freire, entre educando, educador e o objeto de conhecimento. É necessária uma concepção de ensino libertador na Amazônia, uma vez que territórios e culturas tão diversas abrigam ainda, linguagens e saberes que resistiram às opressões coloniais.

Considerações Finais

Desse modo, os resultados revelaram a relação amalgamada entre linguagens e saberes de uma população afro-indígena e o Museu do Marajó. Essa, materializada pelas representações contidas no acervo, tais como: as relações de trabalho, modo de produção, aspectos linguísticos e culturais e do contato interétnico com povos africanos. A cosmologia do caboclo marajoara como fruto de miscigenação entre povos que resistiram à opressão colonial, constituindo a memória do homem marajoara.

Este estudo pretende contribuir para a divulgação desse acervo como possibilidade de abordagem interdisciplinar de linguagens e saberes da cultura marajoara, parte conformadora da cosmologia Amazônica, considerando as relações que emanam desse processo educativo. Além de promover um ensino libertador que considera a diversidade como ponto de partida para a inclusão social e valorização do território e da cultura local.

Referências

ACEVEDO MARIN, R. Quilombolas na Ilha de Marajó. In: LIMA, Maria e PANTOJA, Vanda (Orgs.) **Marajó culturas e paisagens**. Belém, 2ª SR/IPHAN, 2008. p. 162-187.

AMAM - ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ARQUIPELAGO DO MARAJÓ. **Cachoeira do Arari**. Disponível em: http://www.amam-marajo.org/municipios/cachoeira_arari/cachoeira_arari.asp. Acesso em: 01 maio 2017.

BARROS, L.; ABUFAIAD, V. Histórico do município de Cachoeira do Arari. In: **Folias de São Sebastião- um estudo da transmissão musical**. Belém, 2ª SR IPHAN, 2008. p.27-31.

BARROS, M. **Notas sobre a política jesuítica da língua geral na Amazônia (séculos XVII-XVIII)**. In- Colóquio sobre línguas: política linguística e catequese na América do Sul no período colonial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2003. pp.85-109.

CABRAL, S. Sobre as línguas indígenas no Marajó. In: SIMÕES, Maria. (Org.). **Marajó: um arquipélago sob a ótica da cultura e da biodiversidade**. Belém: UFPA, 2002. p. 327-348.

CRUZ, N. **Artefatos da cultura material marajoara em contexto de tradução cultural no Museu do Marajó/PA**. 2019. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.

FARES, J. **Cartografia Marajoara: cultura, poética e oralidade**. 2003. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, São Paulo, 2003.

FERRAZ, A. O Panorama linguístico Brasileiro: A coexistência de línguas minoritárias com o português. **Filol. linguística**. port., n. 9, 2007. p. 43-73.

FIORIN, J.L. **Linguagem e Interdisciplinaridade**. Alae: Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro, vol.10,

nº.1. Jan./Jun 2008. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>. Acesso em: 13 de outubro de 2019.

FREIRE, P. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1959. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação - Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959. Disponível em <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1976>. Acesso em 16 de junho de 2018.

GALLO, G. **O Homem que Implodiu**. Belém, Secult, 1996. 294 p.

HAGE, S. **Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi) seriado de ensino**. Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr/ 2011. Disponível em http://www.uepa.br/sites/default/files/editais/edital5518_pedagogia_igarape_acu_texto1.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2018.

IBRAM - INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

LIMA BARRETO, E. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em <http://www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-pres-supostos-e-tarefas/>. Acesso em: 20 de janeiro de 2020.

LINHARES, A. **De caco a espetáculo: a produção cerâmica de Cachoeira do Arari (Ilha do Marajó, PA)**. 2007. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

MIRANDA NETO, M. J. **Marajó: desafio da Amazônia – aspectos da reação a modelos exógenos de desenvolvimento**. 2. ed. Belém: Cejup, 1993.190 p.

PACHECO, A. A conquista do ocidente marajoara- índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. In: SCHAAN, Denise; MARTINS, Cristiane. (Orgs.). **Muito além dos campos- Arqueologia e história na Amazônia Marajoara**. Belém: GK Noronha, 2010. p. 13-32.

_____. **À Margem dos “Marajós”: cotidiano, memórias e imagens da “Cidade-Floresta”- Melgaço-PA**. Belém: Paka-Tatu, 2006. 303 p.

PEREIRA, J. **Ajuntador de cacos**. Cultura Marajoara (blog), Belém: José Varella Pereira, Disponível em <http://gentemarajoara.blogspot.com.br/2011/06/ajuntador-de-cacos.html>. Acesso em: 23 maio 2017.

Recebido em 24 de março de 2020.

Aceito em 15 de junho de 2020.